

UM FOLCLORE RENOVADO: Uma análise sobre as quadrilhas “roceiras” de Belém e a Política Cultural Institucional¹

Euzalina da Silva FERRÃO²

Jorge Serafim AZEREDO³

Marília de J. da S. e SOUZA⁴

Syane Sheila C. de P. LAGO⁵

INTRODUÇÃO

Folclore não se limita às sobrevivências populares intocáveis e puras, posto que, enquanto fato coletivo, apresenta uma variabilidade em sua manifestação devido à dinâmica cultural. A cultura de massa vem, nesse processo, atuando fortemente sobre as manifestações folclóricas, as quais têm incorporado novos traços e elementos como forma de recriação.

Todavia, o fato folclórico ainda “funciona como núcleo simbólico para expressar um certo tipo de sentimento de convívio social e de visão de mundo” (CARVALHO:1995,32) de um dado grupo de indivíduos. Portanto, apesar das alterações sofridas ao longo do tempo, a estrutura básica ainda permanece, mesmo que sua apresentação não nos remeta a sua forma considerada “original”.

Dentro dessa perspectiva, nos propomos a desenvolver um estudo sobre as Quadrilhas Juninas de Belém, no contexto do “Festival de Quadrilhas Roceiras”, que ocorre no evento “Rastapé Belém” promovido pela Prefeitura Municipal, através da FUMBEL - Departamento de Ação Cultural.

As quadrilhas “roceiras” de Belém têm apresentado certas modificações em suas manifestações, principalmente no traje e na

coreografia. Por isso, nos propomos a desenvolver um estudo sobre essa dinâmica cultural que se manifesta nas quadrilhas, considerando a influência da Política Cultural Institucional nesse processo, através do discurso dos quadrilheiros e dos organizadores do evento.

Nesse sentido, pretendemos identificar qual a influência da política cultural da FUMBEL na estrutura organizacional das quadrilhas. Como é pensada essa manifestação folclórica, tanto pela instituição como pelos brincantes e público, e o que essa manifestação representa na vida social dos “quadrilheiro”, bem como detectar o nível de influência da cultura de massa sobre as quadrilhas, analisando, portanto, a dinâmica presente nessa

¹ Trabalho apresentado como avaliação da disciplina Folclore Brasileiro, orientado pela Profª Anaíza Vergulino-Henry, ministrada durante o Curso de Especialização em Teoria Antropológica da UFPA.

² Bacharel em Ciências Sociais.

³ Bacharel e Licenciado em História e Especialista em Teoria Antropológica.

⁴ Bacharel em Ciências Sociais, Especialista em Teoria Antropológica e Metodologia Científica.

⁵ Professora de Metodologia Científica - UEPA, Bacharel em Ciências Sociais, Especialista em Teoria Antropológica e Metodologia Científica.

⁶ Belém” promovido pela Prefeitura Municipal através da FUMBEL

⁷ FUMBEL - Fundação Cultural do Município de Belém.

⁷ Autodenominação das pessoas que trabalham na organização das quadrilhas, bem como os brincantes desta

manifestação popular.

Para desenvolver esse estudo, utilizamos uma bibliografia básica, cujos pressupostos teóricos foram basicamente as abordagens que José Jorge de Carvalho, Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão e Van Gennepe sustentam sobre o estudo do folclore. Paralelamente, realizamos um trabalho de observação de campo, onde acompanhamos as apresentações das quadrilhas, durante as fases classificatória e eliminatória, onde entrevistamos informalmente os “quadrilheiros” e o público presente e ainda visitamos a sede da Instituição, a fim de entrevistarmos os organizadores do evento.

Portanto, é através da análise do discurso que a instituição, os “quadrilheiros” e o público apresentam sobre essa dança folclórica, no contexto do evento “Rastapé Belém”, que realizamos uma relação entre a produção teórica existente sobre o folclore e a realidade pesquisada.

1 - METODOLOGIA UTILIZADA

A proposta metodológica que operacionalizamos neste trabalho não podia fugir de uma descrição etnográfica, pois, segundo BRANDÃO, **“é o começo de todo um trabalho de explicação antropológica da cultura”** (BRANDÃO: 1982, P. 77). Delimitamos nosso foco de análise à influência da Política Cultural institucional na manifestação das quadrilhas juninas, considerando a dinâmica cultural apresentada por estas. Para tanto, escolhemos o “Festival de Quadrilhas Roccoiras” que ocorreu no evento “Rastapé Belém”, promovido pela Prefeitura Municipal, através da FUMBEL/ Departamento de Ação Cultural.

Dessa forma, estamos considerando nosso objeto como *“fato vivo, analisável”* (VAN GENNEP: 1914, 52), que possui uma dimensão coletiva e dinâmica e que se divide em dois pólos distintos que se relacionam através de sistema de trocas. O âmbito institucional constitui-se dos técnicos da FUMBEL/ Departamento de Ação Cultural, funcionários públicos, que divulgam a ideologia da instituição e representam a instância que está diretamente ligada ao Festival, ou seja, é o agente direto de promoção do evento. No âmbito popular,

temos grupos de pessoas de uma dada comunidade (bairro e/ou logradouros) que são os agentes atuantes da cultura folk, ou seja, os quadrilheiros que participam do concurso. Nossa abordagem está centrada, portanto, na estreita relação estabelecida entre esses dois pólos: institucional e popular.

Contudo, nosso trabalho constituiu-se de dois momentos. O primeiro compreendeu a fase de revisão bibliográfica sobre Folclore, quando selecionamos uma literatura básica, a qual representou o suporte teórico utilizado.

No que se refere ao trabalho de campo, realizamos um total de seis (06) contatos com nosso objeto de estudo, sendo que quatro (04) consistiram da observação direta do evento como um todo (fotografando, anotando e entrevistando), quando assistimos a apresentação das quadrilhas no “Festival de Quadrilhas Roccoiras”⁸ e a Mostra de Danças Livres”⁹, tanto no palco, ao lado dos jurados, como na platéia, em meio ao público, ocasião em que fizemos entrevistas com os quadrilheiros”, registradas com um microgravador.

Realizamos ainda duas (02) visitas à Sede da FUMBEL/ Departamento de Ação Cultural com o intuito de entrevistar os coordenadores e organizadores do evento, quando nos foi fornecido o Regulamento do Festival de Quadrilhas Roccoiras de Belém/96 e ainda um documento onde consta a orientação detalhada sobre os quesitos (conjunto, marcação, evolução, empolgação, coreografia junina e traje junino) que são exigidos no concurso e os critérios utilizados, tanto pelos quadrilheiros como pelos jurados.

2- A VISÃO DO TRADICIONAL NUM ESPAÇO MODERNO: O DISCURSO INSTITUCIONAL

A Fundação Cultural do Município de Belém, através do Departamento de Ação Cultural, nos últimos anos, vem aplicando uma Política Cultural com o objetivo de atender as demandas dos segmentos folclóricos de Belém, como é o caso das programações realizadas durante a “quadra

⁸ Realizado aos sábados e domingos durante o evento “Rastapé Belém”.

⁹ Realizado às sextas-feiras durante o evento “Rastapé Belém”.

junina". No entendimento da Instituição, vários fatores impedem que as manifestações populares ocorram descentralizadamente, por bairros, pois Belém vem passando por uma série de transformações que têm modificado seu panorama espacial: como o desaparecimento dos quintais, hoje ocupados pelos edifícios; a pavimentação das ruas, que se tornam mais trafegáveis; o aumento da extensão da rede elétrica, entre outros fatores, que ocasionaram a diminuição do espaço coletivo.

Considerando tal realidade, a atual gestão concentrou sua programação junina em um único espaço - uma praça pública central. Assim, o evento "Rastapé Belém" foi estruturado em dois pólos distintos, representado por dois palcos, localizados em extremidades diversas da praça. Em um, é realizada a "Festa do Rastapé", onde ocorre a apresentação de grupos folclóricos, parafolclóricos e bandas musicais. No outro, é realizado o "Festival de Quadrilhas Rocêiras", onde as quadrilhas juninas apresentam-se. A Instituição entende que esta é a melhor forma de atender não só um tipo de manifestação folclórica, como as quadrilhas, mas englobar várias manifestações folclóricas e parafolclóricas de Belém e do interior do estado, como o boi-bumbá, o cordão de pássaro, bandas de músicas regionais e grupos de danças, como o carimbó, lundum, marujada, entre outras.

Dessa forma, a Instituição entende que é possível satisfazer tanto ao público espectador como aos produtores das manifestações folclóricas, posto que ao espectador é oferecida a oportunidade de escolher o que deseja e/ou mais gosta de assistir. Por outro lado, aos produtores da cultura folk, como também aos parafolclóricos, há a oportunidade de apresentar e divulgar seus trabalhos, podendo fazer inclusive algum tipo de contrato com donos de casas de shows.

É nesse sentido que entendemos que existe uma relação de troca e/ou reciprocidade: de um lado a Instituição, promotora do evento, oferece o espaço, recebendo como retorno o prestígio, enquanto órgão público e, de outro, os grupos apropriam-se do espaço com vários objetivos.

O discurso da instituição demonstra que o poder público deve oferecer apoio às manifestações folclóricas, com infra-estrutura, como nos relatou

o coordenador geral do evento: **"a questão folclórica é uma coisa espontânea, não pode ser provocada, o poder público não pode tomar as rédeas, é preciso sim fomentar e dar condições para que os grupos folclóricos permaneçam"**.

Em se tratando das quadrilhas de Belém, a Instituição entende extremamente importante abrir espaço, porque elas existem "cruzando os quatro cantos de Belém", independente do apoio institucional, e fazem parte de um movimento popular peculiar da cultura paraense. Contudo, segundo a FUMBEL, as quadrilhas vêm passando por um processo acelerado de transformações, principalmente no que se refere aos quesitos traje e coreografia. Na visão institucional, a dança está se "descaracterizando", transformando-se em uma "dança moderna".

Sob esse aspecto, a Instituição tem se colocado numa postura mais rígida, demonstrada no regulamento do concurso de quadrilhas, no qual foram estabelecidas normas próprias quanto à apresentação das quadrilhas. Isso decorre, principalmente, da concepção de "tradicional", elaborada pela instituição, que acredita ser o estilo "caipira" o padrão a ser seguido pelas quadrilhas. Entretanto, a instituição, percebendo a necessidade das quadrilhas em expor sua criatividade, criou um espaço onde as quadrilhas teriam a liberdade de apresentar danças diversas, que é a "Mostra de Danças Livres". Do nosso ponto de vista, este momento constitui-se um espetáculo particular, por "bailarinos populares", que sem nenhuma técnica acadêmica ou profissional, são capazes de produzir verdadeiros espetáculos.

As quadrilhas juninas de Belém levam ao palco as suas diversas formas de expressar e de festejar a quadra junina, trazendo com elas muita alegria, criatividade, descontração, emoção, disciplina e autenticidade. Além disso, podemos dizer que todo esse show é feito por homens e mulheres que expressam, através da dança, sua forma de pensar e ver o mundo, onde essa manifestação torna-se um símbolo na vida social daqueles que a produzem.

É mister lembrar que as quadrilhas, apesar de serem consideradas como uma manifestação

periférica dentro das expressões culturais da época junina, estão fortemente presentes no cotidiano das pessoas e são responsáveis pelo estabelecimento de vínculos pessoais, posto que, aquelas envolvem parentes, vizinhança e bairros e, podemos dizer ainda, respondem mais “amplamente, no próprio sistema cultural da comunidade envolvida” (BRANDÃO:1988, p. 81).

3 - AS QUADRILHAS “ROCEIRAS” DE BELÉM NO CONTEXTO DO CONCURSO

Analisando as entrevistas realizadas com os “quadrilheiros”, percebemos que a grande maioria privilegia o concurso promovido pela FUMBEL, que é o “Festival de Quadrilhas Roceiras”, pelo reconhecimento e prestígio de estar entre as dez (10) melhores de Belém¹⁰. No nosso entendimento essa preferência possui um significado que pode ser interpretado de duas formas.

De um lado, existe o aspecto simbólico no que se refere a um ponto de referência que essa manifestação folclórica representa na vida social daqueles que a produzem, pois é através desta que eles expressam suas emoções e pensamentos, e é em função dela que eles desenvolvem relações sociais intensas, que se caracterizam pelo espírito comunitário, representando, dessa forma, a extensão da sociedade, posto que, eles têm a intenção de “defender o nome do seu bairro”, o qual representa sua realidade mais imediata que é o seu núcleo familiar e sua vizinhança.

Do outro lado, percebemos o aspecto econômico, pois, ainda que esse tipo de manifestação folclórica não se caracterize por ter finalidade lucrativa, é a partir desse reconhecimento (o de estar entre as (10) dez melhores de Belém) que as quadrilhas são convidadas a participar de outros eventos, públicos ou privados, com caráter de competição ou não, uma vez indicadas pela FUMBEL.

Portanto, a estrutura e a organização das quadrilhas são pensadas a partir do regulamento do concurso da FUMBEL, mesmo que estas participem de outros concursos, que ocorrem com bastante frequência. Notamos, então, que existe uma forte preocupação dos “quadrilheiros” em obedecer às regras que constam no regulamento

do festival. Entretanto, detectamos que a maioria dos quadrilheiros demonstra uma certa frustração por terem sua criatividade (no que tange às inovações e estilizações no traje, coreografia e música) até certo ponto tolhida, devido aos limites impostos, pelo regulamento; isso fica claro se observarmos na seguinte passagem da entrevista realizada com uma figurinista-brincante, quando lhe perguntamos sobre a sua fonte de inspiração para desenhar o traje de sua quadrilha:

“(.) Eu fui buscar o tradicional mesmo... porque no tradicional a roupa vem mais simples, e eu procurei tirar o colorido que estão usando muito. Então tirei o colorido para ficar mais dentro do que a FUMBEL pede, porque ela taxa um tipo de traje (...). (Cristiane, 21 anos, brincante e figurinista da “Atração Junina”).

O que se percebe, portanto, é o quanto a Política Cultural institucional pode intervir sobre os segmentos folclóricos, nesse caso é a FUMBEL sobre as quadrilhas juninas. Inclusive pode funcionar como força reguladora no que se refere à influência da perversa indústria cultural, de forma que possa ser aproveitado o que há de positivo dessa penetração e excluído o exagero e as aberrações, ou seja, os elementos de mau gosto, próprios da ideologia homogeneizante da sociedade industrializada. Dessa forma, a FUMBEL está exercendo um papel que “do ponto de vista político é não só aceitável mas urgente, que se procure pôr limites ou oferecer alternativas à avalanche dos produtos da indústria cultural” (CARVALHO, p.33). Todavia, a maioria dos quadrilheiros pensa esse limite como sendo negativo, pois estes demonstram uma sedenta necessidade de expressar sua criatividade, como podemos perceber no que disse um brincante quando lhe perguntamos sobre a elaboração de sua quadrilha.

“A gente vai acompanhando a evolução de ano a ano, então a gente procura evoluir na nossa quadrilha e procura trabalhar em cima do regulamento da FUMBEL. De acordo com o que a FUMBEL pede a gente vem (...)

¹⁰ O concurso se dividiu em duas fases: eliminatória, quando foram selecionadas 40 quadrilhas que participaram da segunda fase e classificatória, quando foram escolhidas 10 quadrilhas que receberam o troféu Bruno de Menezes. No ano de 1996 foram inscritas 112 quadrilhas, as quais participaram da fase eliminatória, ficando classificadas 41, entre as quais foram escolhidas as 10 melhores quadrilhas de Belém.

nossa quadrilha é acostumada a sair no tafetá, cetim, na seda, então, esse ano muita gente ficou admirado de vê a gente, assim, totalmente caipira (...). (Ademar, 18 anos, brincante da "Patcholin Guamaense")

Como vemos, as ações da FUMBEL, no que tange a sua função reguladora diante da atuação da massificação cultural, vêm ao encontro das aspirações dos "quadrilheiros". Entretanto, consciente dessa necessidade de expressão dos quadrilheiros, e na tentativa de atender essa demanda, a FUMBEL oferece a esses quadrilheiros um espaço livre, que foi denominado de "mostra de Danças Livres", onde as quadrilhas apresentam diversas coreografias, com músicas variadas, que vai de outras danças folclóricas à música clássica.

Portanto, para desenvolver uma discussão sobre as quadrilhas juninas, de hoje, há que considerar o processo de dinâmica cultural inerente na vida social dos indivíduos envolvidos no contexto dessa manifestação folclórica. Um elemento importante, dessa dinâmica, é a penetração da cultura de massa nessa expressão cultural, pois, segundo CARVALHO, esta influência deve ser considerada em todas as atuais discussões sobre quaisquer âmbito da cultura.

As quadrilhas juninas, participantes do "Festival de Quadrilhas Rocêiras", representam um claro exemplo de como, e a que nível, se dá essa penetração, pois apresentam-se relacionadas com padronizações inovadoras, remetendo-nos diretamente ao modelo de cultura que privilegia o novo, o atual. Todavia, isso não significa a inteira negação da existência dos símbolos tradicionais, nessa manifestação folclórica, pois, segundo CARVALHO, não é a autenticidade presente na sua manifestação empírica que o define como tal, e sim o fato de ainda funcionar como representação simbólica de um dado grupo de indivíduos, mesmo que revestido e incrementado com estilos modernos.

Observando as quadrilhas, durante o concurso, identificamos traços dessa influência, nos quais os meios de comunicação desempenham um papel fundamental, nesse contexto, pois a mídia é a grande responsável pela disseminação de uma ideologia que se caracteriza por privilegiar o novo, que ao ser absorvida pelos indivíduos, gera construções mentais que correspondem à

conjuntura atual. Essas construções são, portanto, externalizadas nesse contexto, através dessa dança folclórica e, por isso, tanto sua indumentária, quanto a coreografia apresentam-se estilizadas, onde a criatividade se manifesta aparentemente sem limites. Para alguns, essas inovações tendem a descaracterizar a forma "tradicional", mas para a maioria dos quadrilheiros, essa "nova" forma de expressão folclórica é perfeita, e isso pode ser percebido em um trecho de uma entrevista com um quadrilheiro ao perguntarmos sobre como ele concebia a diferença entre as quadrilhas de antigamente e as atuais:

"Há muita diferença pelo estilo da antiguidade e pela a atualidade. Porque atualmente as quadrilhas vêm querendo trazer as coisas do passado mas com um estilo novo e as do passado, usavam um estilo do passado mesmo, e tudo vai se modificando e para melhor. Então, atualmente as pessoas acham que a cultura já acabou, mas não, ela ainda existe, só que ela vem renovada, em novo estilo; pra nós, que somos "quadrilheiros" tá no "jeito", pra quem só vê a quadrilha de fora acha que estamos errados (Alex, 19 anos, "quadrilheiro")."

Como vemos, essa manifestação folclórica é o reflexo do modo de pensar e de viver desses indivíduos, agentes produtores da cultura folk, ou seja, é a sua realidade externalizada através dessa dança folclórica, a qual se transforma em um veículo de comunicação entre a cultura folk e o mundo.

Dessa forma, estamos admitindo que a cultura de massa pode atuar positivamente sobre o folclore, pois considerando o âmbito das representações simbólicas "nem tudo de mau gosto que a indústria cultural oferece desapareceria se pudéssemos intervir e impedi-la de continuar atuando na sociedade, pelo fato de certas manifestações culturais responderem à necessidade de expressão humanas diversas (...)"(CARVALHO, p. 33).

Um claro exemplo disso é a "Mostra de Danças Livres", para nós é o momento de maior liberdade de expressão dado às quadrilhas, durante o evento. Nesse espaço, notamos vários elementos característicos do momento conjuntural, demonstrando um certo apelo à novidade e à caracterização da realidade dos quadrilheiros. Na mostra várias quadrilhas apresentam, entre outras danças folclóricas (xote, carimbó, etc.), uma coreografia própria para a música "Use Camisinha"

do Grupo, de "Axé-Music", Timbalada, demonstrando dessa forma duas vias de influência da cultura de massa.

Primeiro, pela absorção do modelo da cultura baiana de carnaval, que vem sendo muito bem trabalhado pela mídia e pelas políticas de Turismo na forma dos carnavais fora de época, quais vêm ocorrendo há dois anos em Belém. Segundo, pela escolha da música "Use Camisinha", que nos remete à conjuntura atual da campanha de prevenção contra à AIDS também bastante veiculada pelos meios de comunicação de massa.

No que se refere aos trajes, notamos, na grande maioria destes, a presença do colorido vivo, as chamadas "cores quentes, do verão; mesmo aquelas quadrilhas que optaram por trazer o quadriculado, procurando resgatar o tipo caipira, numa tentativa de cumprir o regulamento que, apesar de aceitar as estilizações, diz que o traje junino deve reforçar nossas tradições, esse tipo de padronagem manifesta-se. Isso é o reflexo do circuito da moda, no qual notamos mais uma via de influência da cultura sobre as representações do folclore. É por isso, então que eles fazem uso de tecidos finos como a seda, o tafetá, o cetim, acompanhando o que está em voga no mundo da moda.

Como vemos, muitas vezes não percebemos o nível de penetração da cultura de massa em nossas vidas, mas ela está presente de uma forma ou de outra, e vem atuando paulatinamente frente aos segmentos folclóricos como um todo, pois ela faz parte da vida social dos produtores dessa cultura folk. Todavia, a reinterpretação do tradicional não significa a total destruição deste, já que o modelo de cultura folk ainda se conserva, mesmo diante das pressões da indústria cultural, ou seja, o núcleo das representações simbólicas está preservado enquanto este funcionar como forma de expressão de agrupamentos humanos (CARVALHO, p. 32).

CONCLUSÃO

Existem muitas questões a se considerar neste trabalho, todavia dada a discussão maior, no que tange à dinâmica cultural percebida nas quadrilhas,

nos propomos a tecer considerações sobre "a positividade da cultura de massa", utilizando, assim, as próprias palavras de CARVALHO, devido sua teoria ter sido o alicerce para nossas discussões teóricas, dessa forma, procuramos ter uma visão plural tanto da tradição como da inovação.

Outro ponto, a ser abordado, trata das redes de relações interpessoais que envolvem as quadrilhas, que se amplia significativamente no âmbito do parentesco, bem como das relações sociais de vizinhança, econômica e política. Nesse contexto, percebemos que a manifestação das quadrilhas de Belém não se restringe a um fato folclórico de manifestação anual, pois ela é fruto de relações sociais diversas, como as redes de parentesco, os núcleos de relações comunitárias que formam um universo complexo, que muitas vezes se confundem ou se misturam como detectamos numa família nuclear de "quadrilheiros", formada pelo pai, mãe e filho. Outro exemplo, dessa intensa relação, é o fato da diretoria da quadrilha ser geralmente formada por uma família, onde os filhos, netos e bisnetos são componentes da mesma, garantindo, assim a formação desta. Assim vemos que é na família que surgem as primeiras elaborações deste fato folclórico. Concluímos, portanto, que uma das justificativas desse espírito comunitário seria os laços de parentesco, desenvolvidos no seio dessa manifestação folclórica.

Mais do que se preparar para dançar, os "quadrilheiros" trabalham para disputar e sentir-se realizados com a vitória. O festival é o momento de externalizar realidades e modos de pensar e agir de "artistas populares", entrando em cena um espetáculo ímpar das quadrilhas de Belém. São modelos próprios de uma camada da população, que, mesmo entrando em choque com a visão institucional do significado dessa dança folclórica, encara seu trabalho com profissionalismo e dedicação, e o modelo de quadrilha, apresentado, é que foi construído e/ou passa a ser no imaginário dos grupos.

Assim, as influências e/ou fontes de inspiração são as mais inesperadas possíveis, que, por vezes, tornam o espetáculo bonito, outros exagerados, tornando-se, na visão da instituição,

até de mau gosto e que acabam descaracterizando nossas tradições, isto é, o entendimento institucional do que seja “quadrilhas roceiras”.

No tempo, que acompanhamos o evento, e de uma certa forma o trabalho dos “quadrilheiros”, foi possível perceber um complexo mundo de opiniões e diversas formas de entendimento de como as manifestações folclóricas devem ser mostradas.

Assim sendo, compreendemos que nessa realidade não é possível desconsiderar a influência dos meios de comunicação de massa, nessas manifestações, que tem como conseqüência as inúmeras inovações, sendo estas inovações entendidas pelos “quadrilheiros”, como a “evolução” das quadrilhas. Portanto, essa é uma posição que deve ser considerada, pois entendemos que se a criatividade for tolhida, por completo, as quadrilhas ficarão sem sentido e talvez até sem “identidade folclórica”

Notamos, ainda, que existe uma preocupação, tanto dos “quadrilheiros” como da instituição, de se preservar símbolos tradicionais nessa dança folclórica, mas admitindo as recriações de passos, trajes e coreografias. Esse aspecto deve-se ao fato de que as manifestações folclóricas também são reflexos de realidades sociais. Portanto, se as

quadrilhas apresentam-se com trajes extravagantes, coloridos e luxuosos, e apostam nisso para vencer um concurso, é em decorrência da compreensão que os “quadrilheiros” têm do que seja quadrilha, e que ela deve “evoluir”, com o tempo, para ser valorizada. Se há originalidade? Eles pensam que sim, afinal os folhos persistem, os chapéus e a essência dos modelos; quanto à cor e o tipo de tecido, estes devem ser livres.

A FUMBEL quer “o caipira”, e os “quadrilheiros” apresentam o seu “caipira urbano” estilizado - uma mera reconstrução do espaço rural. A originalidade, como bem sustenta o quesito “coreografia Junina”, surge em meio aos passos que continuam resistindo a tantas inovações, e que consideramos inerentes ao processo evolutivo social e cultural das manifestações folclóricas.

Percebemos, ainda que a instituição estabelece relações de poder e reciprocidade, pois, de certa forma, o poder público apropria-se das manifestações folclóricas e as utiliza em seu favor, no entanto, existem ainda outros atores sociais que se beneficiam disto, que é o público, principalmente as camadas baixas da sociedade, que terão mais uma opção de lazer. Este é, portanto, o momento do povo.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES**, Antônio A. *O que é Cultura Popular*
2. ed. São Paulo: Brasiliense
1981. (Coleção Primeiros Passos).
BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo:
Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).
CARVALHO, J. J. de. *O Lugar da Cultura*

- Tradicional na Sociedade Moderna*.
Brasília: UNB, s. d. (mimeografado)
RIBEIRO, Maria de L. B. *Folclore Rio de Janeiro*
Bloc; FENAME, 1980
(Biblioteca Educação e Cultura, v. 4).
VAN GENNEP, Arnold. *Métodos*, 1914.